



Ivânio Lopes de Azevedo Júnior*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo aproximar, programaticamente e em linhas gerais, as filosofias de Ernst Cassirer e Wilfrid Sellars. São dois pensadores que, apesar de estarem em tradições diferentes, possuem influências teóricas comuns, bem como aspectos sistemáticos que sugerem seguir orientações aproximadas. O texto está dividido em dois momentos principais. Inicialmente, dialogo com um artigo recém-publicado pelo professor Tobias Endres, da Universidade Técnica de Braunschweig, intitulado Ernst Cassirer's Influence on the Philosophy of Wilfrid Sellars, à luz desse trabalho, irei apontar e comentar algumas das pistas históricas e textuais que justificariam uma possível influência do pensador neokantiano sobre o fundador da escola de Pittsburgh, limitando-me aqui aos aspectos mais “externos” e contextuais. Em seguida, passo ao exame de um aspecto mais sistemático, a saber, daquilo que podemos assumir como um “ponto de contato” entre a filosofia de Cassirer e os trabalhos de Sellars, dentre os quais destaco o seguinte: para ambos, a questão da significação sobre a qual se assenta a relação entre mente e mundo é tratada em termos funcionais.

Palavras-chave: Ernst Cassirer. Wilfrid Sellars. Filosofia.

An approximation between the philosophies of Ernst Cassirer and Wilfrid Sellars

ABSTRACT

This article aims to bring together, programmatically and in general terms, the philosophies of Ernst Cassirer and Wilfrid Sellars. They are two thinkers who, despite being in different traditions, have common theoretical influences, as well as systematic aspects that suggest following approximate guidelines. The text is divided into two main moments. Initially, I discuss a recently published article by professor Tobias Endres, from the Technical University of Braunschweig, entitled Ernst Cassirer's Influence on the Philosophy of Wilfrid Sellars, in the light of this work, I will point out and comment on some of the historical and textual clues that would justify a possible influence of the neo-Kantian thinker on the founder of the Pittsburgh school, limiting myself here to the more “external” and contextual aspects. Next, I move on to examining a more systematic aspect, namely, what we can assume as a “point of contact” between Cassirer's philosophy and Sellars' works, among which I highlight the following: for both, the question of meaning on which the relationship between mind and world is based is treated in functional terms.

Keywords: Ernst Cassirer. Wilfrid Sellars. Philosophy.

Uma aproximação entre as filosofias de Ernst Cassirer e Wilfrid Sellars

Kairós: Revista Acadêmica
da Prainha

ISSN: 1807-5096

e-ISSN: 2357-9420

Fortaleza,

v. 20, n. 1, 2024

* Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2015) e em Filosofia pela Universidade de Brasília (2021). Pós-doutorado em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Metafísica da UnB (2019), tendo cumprido parte deste período em intercâmbio na Europa, donde se destaca a realização de cursos e seminários na universidade de Oxford e na London School of Economics (Inglaterra). É professor adjunto IV da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC. É coordenador do Grupo de Pesquisa Filosofia da Cultura - FilCul (UFCA/CNPq) e pesquisador ligado ao grupo As origens da Filosofia Contemporânea (PUC-SP).Email: ivanio.azevedo@ufca.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2548-3259>.

Introdução

Este artigo tem como objetivo indicar e comentar alguns aspectos que chamo aqui de programáticos. A ideia é realizar uma breve leitura de conjuntura a partir de duas correntes distintas, a saber: a filosofia transcendental e a filosofia pós-analítica. Para que se evite, logo de saída, os riscos provocados pelo caráter genérico de ambas as nomeações, localizo nessas correntes o pensamento de Ernst Cassirer e o pensamento de Wilfrid Sellars, respectivamente, tendo em vista a possibilidade de uma agenda de pesquisa comum que possa contribuir com questões pertinentes ao campo da filosofia da mente. Minha intenção aqui não é a de entrar no mérito da análise detida de argumentos, mas a de aproximar teses gerais e a de estabelecer paralelos entre orientações filosóficas diferentes, buscando esboçar um mesmo fio condutor.

Cassirer, talvez o último grande representante do neokantismo, à luz de sua filosofia das formas simbólicas empreendeu um esforço histórico e sistemático no sentido de explicitar em que termos e em que condições a relação objetiva entre mente e mundo deve ser compreendida, superando assim os limites das interpretações empiristas e racionalistas, as quais são tradicionalmente entendidas em termos não simbólicos. Por outro lado, Sellars procurou mostrar os limites da filosofia analítica, em sua versão neopositivista, ao defender que a experiência não pode ser tomada como fundamento último do conhecimento, sendo a linguagem uma pré-condição da própria experiência. De modo semelhante, para Cassirer, o simbolismo é um pré-condição da experiência. Ou seja, tanto para Sellars quanto para Cassirer, a noção de *mediação* é indispensável para que se explicita a relação entre conhecimento e experiência, entre mente e mundo. E mais, tal mediação se realiza historicamente na prática social, seja no espaço das razões, seja no espaço da cultura (ENDRES, 2021, p. 153).

A posição de Richard Rorty (2008) sobre a filosofia pós-positivista também pode ser aplicada ao pensamento de Cassirer, quando o primeiro afirma que se trata de uma “corrente filosófica que se costuma dizer estar *além* do empirismo e do racionalismo” (RORTY, 2008, p. 13). Em uma frase: Cassirer e Sellars são filósofos que rejeitam uma suposta autonomia da experiência enquanto baliza do conhecimento e, para ambos, assumir que os dados sensíveis sejam epistemicamente autônomos

em relação a uma instância de mediação seria um equívoco. Aqui a influência de Kant, pensador relevante para essas duas filosofias, já se apresenta enquanto uma referência na aproximação programática aqui pretendida. É importante destacar que por se tratar de dois pensadores contemporâneos, época em que a questão do sentido e do significado passa a ocupar um lugar central na reflexão filosófica, o debate epistemológico orbita em torno dessas noções que, por mais polissêmicas que sejam, orientam diversas escolas filosóficas. Isto é, o problema do significado é enfrentado não só pela filosofia analítica da linguagem, mas também pelo neokantismo e pela hermenêutica, para ficarmos apenas em dois exemplos. Na medida em que a filosofia analítica e pós-analítica tende a tratar o problema em termos linguísticos, a filosofia da cultura cassireriana, ancorada no método transcendental e na chave do simbolismo¹, amplia o problema da significação para além da linguagem, estendendo o seu escopo às demais manifestações espirituais tais como o mito, a arte e a ciência.

Dito isso, para que uma aproximação programática seja mais bem justificada, proponho dividir este texto em dois momentos. Inicialmente, dialogo com um artigo recém-publicado pelo professor Tobias Endres², da Universidade Técnica de Braunschweig, intitulado *A influência de Ernst Cassirer sobre a filosofia de Wilfrid Sellars*. À luz desse trabalho, irei apontar e comentar algumas das pistas históricas e textuais que justificariam uma possível influência do pensador neokantiano sobre o fundador da escola de Pittsburgh, limitando-me aqui aos aspectos mais “externos” e contextuais. Em seguida, passo ao exame de um aspecto mais sistemático, a saber, daquilo que podemos assumir como um “ponto de contato” entre a filosofia de Cassirer e os trabalhos de Sellars, dentre os quais destaco o seguinte: para ambos, a questão da significação sobre a qual se assenta a relação entre mente e mundo é tratada em termos funcionais.

Tanto Cassirer quanto Sellars são “adversários da imediatidade”³, isto é, não há como falar de acesso direto a um conteúdo conceitual sem que se pressuponha um espaço objetivo da razão. Para o segundo, o acesso a um conteúdo mental exige uma linguagem que opera publicamente enquanto para o primeiro a consciência

¹ Expressão que se encontra no título de uma das principais obras de Susanne Langer (1971), qual seja: *A filosofia em nova chave*. A pensadora, seguidora de Cassirer, entendia que o simbolismo caracterizava uma virada na compreensão dos problemas filosóficos.

² Ernst Cassirer's influence on the philosophy of Wilfrid Sellars, XIII/XIV-2020/2021.

³ Expressão usada por Sellars (2008) para se referir a Hegel (2008, p. 24).

subjetiva só ganha sentido no interior de uma forma simbólica que opera segundo uma lógica objetiva. Apesar das profundas diferenças de vocabulário que marcam essas duas filosofias, farei um esforço expositivo para posicionar o problema de modo inteligível. Ao final do texto, espero que, ao menos, uma aproximação entre a teoria simbólico-funcional de Cassirer e a teoria funcional da linguagem, de Sellars, esteja satisfatoriamente posicionada.

Aspectos históricos e contextuais

É importante lembrar que tanto Cassirer quanto Sellars reconhecem a centralidade da história da filosofia para a elaboração de uma teoria filosófica mais sistemática, sendo este um traço da personalidade intelectual de ambos. Isso significa que os problemas filosóficos por eles enfrentados não são isolados do próprio debate em que tais questões foram gestadas e enfrentadas, mostrando assim que uma solução filosófica acumula historicamente um conjunto de esforços que devem ser referenciados sempre que possível. Por exemplo, Kant, Hegel e o recorrente problema da imediatidade estão presentes, mesmo que em diferentes frequências, nos escritos de Cassirer e Sellars, compondo uma zona de interseção que sinaliza uma raiz comum de influência. A leitura atenta de seus respectivos trabalhos provoca, em alguns momentos, mesmo que não se queira deliberadamente compará-los, a impressão de que eles estão em um mesmo debate filosófico, convivendo no interior da mesma atmosfera teórica. Seja como for, por mais que referências comuns possam ser encontradas e semelhanças em seus programas de pesquisa possam ser indicadas, não é tarefa fácil defender a influência de Cassirer sobre Sellars quando levamos em conta a quase inexistência de citações do primeiro por parte do segundo. O artigo de Tobias Endres, a meu ver, colabora com o fortalecimento da impressão de que havia sim uma atmosfera comum que aproximava Sellars de Cassirer.

Endres propõe uma diferenciação entre três tipos de influência que um pensador pode receber de outro, a saber: a direta, a indireta e a institucional. Para ele, a influência de Cassirer sobre Sellars se deu nos três níveis. A *influência direta* é quando se pode “pensar que, para falar de uma recepção adequada, um pensador teria que ler as obras de outro pensador e comentá-las para desenvolver ainda mais suas próprias obras” (ENDRES, 2021, p. 149). Isto se verifica, mesmo que

timidamente, ao considerarmos o *review*, escrito por Sellars (1948-49), da tradução para o inglês, de Susanne Langer, do ensaio *Linguagem e Mito* (1946) publicado por Cassirer em 1925. Este é o único texto em que se encontra uma referência direta por parte de Sellars. Tobias Endres afirma, corretamente, que neste breve escrito é possível perceber a pouca familiaridade de Sellars com obras fundamentais de Cassirer, tais como o *Problema do Conhecimento e a Filosofia das Formas Simbólicas* (ENDRES, 2021, p. 152). Entretanto, a meu ver, um dos primeiros comentários de Sellars neste *review* expressa um aspecto central do pensamento de Cassirer que, por sua vez, não se restringe ao contexto específico do ensaio. E é exatamente este elemento nodal que me parece estar presente também na filosofia de Sellars. O comentário diz o seguinte:

O estudo começa com uma crítica das teorias negativistas do mito, teorias que explicam a ocorrência do mito em termos de erro e, especificamente, aquele tipo de erro que se baseia nas deficiências (por exemplo, ambiguidade) da linguagem. Equívocos desse tipo são atribuídos por Cassirer ao realismo ingênuo, a noção de que a natureza confronta a mente “como algo dado direta e inequivocamente” (p. 6). Para obter uma compreensão correta da natureza do mito e, na verdade, de qualquer fenômeno do espírito humano, devemos “aceitar com toda a seriedade o que Kant chama de sua ‘Revolução Copérnica’” (p. 8). No argumento de Cassirer, entretanto, esta Revolução recebe um toque “nominalista”. As formas que unem o pensamento que é a geração do mundo para a mente, essencialmente ligados ao simbolismo que normalmente se diria que os expressa e, conseqüentemente, como parte da historicidade da expressão humana (SELLARS, 1948-49, p. 326).

Destaco três traços importantes acentuados por Sellars: a) o modo como Cassirer lê criticamente as teorias que depreciavam o mito; b) a posição contrária de Cassirer ao que este chama de realismo ingênuo; c) o termo “nominalista” para caracterizar uma postura cassireriana. Em relação ao primeiro item, não custa lembrar que Sellars se utiliza do *Mito do dado* e do *Mito de Jones* como recurso argumentativo cujo intuito é compreender e analisar os limites de posições teóricas contrárias às suas próprias posições, bem como aquilo que sua filosofia defende. No mesmo espírito de Cassirer, a análise de Sellars não deprecia a posição mítica, pelo contrário, expõe a sua forma interna de operação. Quanto ao segundo traço, é justamente com a crítica ao realismo ingênuo que Cassirer tenta demover o pressuposto da metafísica clássica de que o conhecimento humano, na relação mente e mundo, é entendido nos termos da reprodução de um fundamento último, que conhecer equivaleria a replicar uma

suposta instância fundante da experiência e, imediatamente, assumi-la como estrutura última e não simbólica da realidade. Já o terceiro ponto é apenas para evidenciar a curiosidade de que Sellars usa um termo muito marcado de parte do seu pensamento, o nominalismo psicológico, para caracterizar a noção de kantiana de “revolução copernicana” tal como empregada por Cassirer, suscitando a pergunta sobre em que sentido este seria um nominalista.

Na *influência indireta*, tal como Tobias Endres define:

Pode-se então argumentar que dois pensadores, primeiro *a* e depois *b*, ambos lutam com as obras de um terceiro pensador *c* e chegam a conclusões semelhantes de como adaptar adequadamente o pensamento de *c* para seu próprio trabalho. Pode-se supor que há uma influência indireta de *a* em *b* até *c*, porque *a* tinha definido possibilidades e impossibilidades de como ler *c* (2021, p. 150).

Aqui poderíamos assumir *a* como Cassirer, *b* como Sellars e *c* seria Kant. O pensamento de todos eles possui um explícito carácter sintético, isto é, a filosofia produz uma compreensão de totalidade ou, nos termos cassirerianos sobre Nicolau de Cusa, uma cosmovisão (CASSIRER, 2001). Conforme Silvia Monteiro, “Wilfrid Sellars defende a ideia de que a tarefa a ser executada pela filosofia é elaborar o quadro geral que emerge de todas as diferentes áreas de conhecimento particular” (2011, p. 8). Desse modo, é possível defender a hipótese de que a própria compreensão de Sellars do que seria o objetivo da filosofia, tomada enquanto uma atividade que não se limita à análise, pois tem que promover uma visão de conjunto (sintética), que ele defende em *Philosophy and the Scientific Image of Man* (2007), de 1960, expressa um espírito kantiano atualizado pela perspectiva pluralista da filosofia da cultura de Cassirer. No ensaio, Sellars afirma:

O objetivo da filosofia, [...] é compreender como as coisas - no sentido mais amplo do termo – estão relacionadas entre si, também no sentido mais amplo do termo. E sob “coisas...” incluo itens como, repolhos e reis, números, deveres, possibilidades, estalar de dedos, a experiência estética e a morte. Assim, alcançar o sucesso na filosofia será [...] saber como manejá-las; não irrefletidamente como a centopeia da história conhecia seu próprio jeito antes de enfrentar a pergunta, ‘como caminho?’ Mas do modo refletido que significa que nenhum suporte intelectual está barrado (2007, p. 369).

[...] o que distingue o empreendimento filosófico é “o olhar sobre a totalidade”. Do contrário, é difícil distinguir o filósofo do especialista persistentemente reflexivo, o filósofo da história do historiador persistentemente reflexivo. Na medida em que um especialista se preocupa mais em refletir sobre a forma

como seu trabalho como especialista se une a outros empreendimentos intelectuais do que perguntar e responder perguntas dentro de sua especialidade, diremos com toda razão que ele tem uma mentalidade filosófica; e, de fato, é possível “olhar o todo” sem fixar o olhar nele incessantemente (o que seria uma atividade estéril) (ibidem, p. 371).

Enquanto para Cassirer:

[...] a filosofia já não reivindica mais aumentar a substância do conhecimento como tal e, através de discernimentos dogmáticos, ampliar o círculo que as ciências particulares traçam. Ela se satisfaz, assim, em investigar a função do conhecimento e em compreender e justificar essa função, em vez de prosseguir para novos objetos desconhecidos; ela quer retornar as forças originais sobre as quais se baseia o conhecimento do mundo, o conhecimento da realidade empírica – e não quer apenas perseguir essas forças de um modo meramente isolado. Isso significa que ela não conhece meramente em detalhes as forças que constroem a ciência, mas que as abrange em seu nexos interior, na sua ordem e na sua dependência sistemática. Essa abrangência [Überschau] sobre seu próprio campo, este conhecimento de sua própria função, é a pré-condição necessária para a fecundidade e segurança crítica do nosso conhecimento filosófico (CASSIRER, 2008, p. 146-147 *apud* GARCIA, 2022, p. 77).

Há em ambos um movimento muito semelhante quando do posicionamento da filosofia enquanto essa atividade teórica que constrói uma visão de unidade diante da multiplicidade das manifestações significativas. No caso de Cassirer, todo o esforço da filosofia em seu projeto de crítica da cultura é o de, a partir de uma posição metodológica e unificadora, compreender as diferentes formas simbólicas, cada uma em suas especificidades, sem reduzi-las umas às outras, reconhecendo o caráter próprio e irreduzível de cada uma delas. Ou seja, a linguagem, o mito e a ciência, por exemplo, podem ser interpretados a partir de uma compreensão totalizante, mas sem que suas diferenças internas sejam suprimidas em função de uma dessas formas de objetivação. Essas formas simbólicas mantêm entre si uma complexa relação de tensão. Algo semelhante ocorre com Sellars quando do tratamento das noções de *imagem manifesta e imagem científica* no texto de 1960 que, por sua vez, são imagens rivais que também estabelecem relações tensas e complexas⁴. Parece-me profícuo tentar comparar o modo como Cassirer interpreta a dinâmica das formas simbólicas e

⁴ “A Imagem Manifesta figura o mundo em que nos encontramos desde o momento em que nos entendemos como humanos. Ela teria se desenvolvido à medida que o ser humano adquiria a estrutura nos termos da qual chegou a ser consciente de si mesmo como um ente no mundo. A Imagem Científica figura o ente humano como um ‘complexo sistema físico’ de um ‘mundo físico’ e esta interpretação teria sido depurada por vários discursos científicos, incluindo o da física, da neurofisiologia, da biologia evolutiva e, mais recentemente, das ciências cognitivas” (MONTEIRO, 2011, p. 10).

como Sellars entende o desenvolvimento e as interrelações que tais imagens mantêm entre si. Endres chega a cogitar uma possível equivalência entre a noção de mito em Cassirer com a noção de *imagem original* da qual, segundo Sellars, é de onde a *imagem manifesta* se desdobra.

Para finalizar esta seção, gostaria apenas de deixar um breve comentário sobre a *influência institucional* que, conforme Endres, também se aplica a Sellars em relação a Cassirer. Entende-se que esse terceiro tipo de influência ocorre quando “um escritor está em dívida com outro escritor, conscientemente ou não, porque os precursores prepararam o terreno para uma certa escola ou caminho de pensar” (2021, p. 151). Nesse sentido, Tobias Endres realiza em seu artigo um levantamento minucioso das circunstâncias institucionais que estão por trás das *Cassirer’s Lectures*, evento realizado pela universidade Yale, que recebeu vários palestrantes que, por sua vez, possuíam alguma afinidade teórica com a obra de Cassirer. Em abril de 1979, Sellars participou como palestrante do referido evento em homenagem a Cassirer, sendo que sua colaboração na ocasião só foi publicada em 2002 com o título *Sellars’ Cassirer Lectures Notes* como parte de uma coletânea de textos inéditos. O dado histórico relevante, neste caso, é que Sellars não conseguiu terminar de escrever os textos das palestras, pois problemas de saúde teriam dificultado a realização desta tarefa. A hipótese da qual parte Tobias é de que não faria sentido convidar Sellars para ocupar o lugar de conferencista se ele não mantivesse algum tipo de afinidade filosófica com Cassirer. E mais, é possível defender que os comentários sobre a filosofia de Kant que constituíram a apresentação de Sellars, naquela ocasião, foram orientados pela interpretação de Cassirer, apesar de, nas notas, Sellars não citar o neokantiano. Naquele momento, foi enfatizada a “dialética de Kant e as ideias transcendentais, com foco mais nos princípios regulativos do que nos constitutivos”, abrindo assim a possibilidade de afirmar que a leitura de Sellars estava muito alinhada com a posição cassireriana, que, por sua vez, assume a centralidade da terceira crítica na leitura do projeto de Kant.

Uma aproximação sistemática

Para avançarmos um pouco mais nessa aproximação programática entre Cassirer e Sellars, passo então ao aspecto que, na introdução, chamei de sistemático.

O objetivo aqui é simplesmente o de mostrar que as duas filosofias estão seguindo a mesma orientação no que diz respeito à crítica à noção de imediatidade. Trata-se do enfrentamento do mesmo problema, qual seja: a mente é capaz de espelhar, por meio da linguagem uma estrutura fixa e acabada que estruturaria o mundo externo? A resposta, para ambos, é negativa. Para Cassirer, essa é a postura defendida pelo realismo ingênuo e, para Sellars, essa é uma das implicações decorrentes da posição assumida pelos teóricos dos dados. Como tido acima, tanto Cassirer quanto Sellars possuem um programa filosófico no qual procuram construir uma visão sinóptica que compreenda as diferentes versões da realidade e que supere a problemática da “dadidade” (*givenness*), isto é, que demonstre o caráter incontornável da mediação. Não haveria, portanto, dados dos sentidos que não fossem já mediados teoricamente. Enquanto em Sellars o problema é tratado nos termos de uma reflexão a partir das funções da linguagem para Cassirer a questão é abordada em termos da função simbólica.

Uma diferença importante a ser destacada é que Cassirer não reduz o simbólico à linguagem discursiva (representacional), esta é uma das várias manifestações particulares do simbolismo. A arte, o mito e a ciência são exemplos de outras manifestações simbólicas, não linguísticas, apesar de manterem uma relação dinâmica e dialética com a linguagem. O pluralismo cassireriano a ser sintetizado em uma cosmovisão se apresenta exatamente na diversidade das formas simbólicas que, em última instância, consistem em configurações possíveis da realidade e, por conseguinte, dos modos de produzir significação. Essas formas são os caminhos a partir dos quais a mente, ou o espírito (para usar um termo da tradição germânica) produz as regras lógicas de geração da objetividade de cada uma das versões do mundo (como diria Nelson Goodman) produzidas pelas formas simbólicas. Sellars, por sua vez, tem diante disso o pluralismo que decorre da *imagem manifesta*, da *imagem científica* e da *imagem original*.

Primeiramente, vejamos alguns aspectos do mito do dado de Sellars, em sua dimensão epistêmica, para entendermos qual seu movimento argumentativo, bem como sua conclusão. Digo isso porque o mito do dado possui traços não só epistêmicos, mas também traços semânticos e ontológicos. Antes disso, lembremos que há um pressuposto que caracteriza diferentes teorias metafísicas ao longo da tradição filosófica, o de que existe um tipo de intuição que permite o sujeito do

conhecimento acessar conteúdos conceituais diretamente, prescindindo de uma esfera de mediação. Este pressuposto, inclusive, marcou sobremaneira a querela em torno do psicologismo⁵. Tal debate, que fora muito aquecido durante o século XIX, e, diga-se de passagem, fundamental tanto para o neokantismo quanto para a filosofia analítica da primeira metade do século XX. Dentre outras coisas, o que estava em jogo era se a filosofia do conhecimento procederia pelo caminho do método psicológico para explicar a relação entre experiência interna e experiência externa ou se a filosofia deveria seguir uma perspectiva lógica, explicitando as normas à luz das quais o interno e o externo seriam teoricamente mediados. Minha suspeita é que tanto Cassirer quanto Sellars, em suas respectivas compreensões sintéticas, procuram mediar as dimensões lógicas e psicológicas no processo de conhecimento do mundo. Pois bem, voltemos ao mito do dado.

Sellars, em *Empirismo e Filosofia da mente*, formula o problema do seguinte modo:

Presumo que nenhum filósofo atacou a ideia filosófica da dadidade ou, para usar um termo hegeliano, imediatidade, tentou negar que há uma diferença entre *inferir* que algo é o caso e, por exemplo, *ver* tal ser o caso. Se o termo *dado* faz referência apenas àquilo que é observado como sendo observado, ou quem sabe, a um subconjunto preciso de coisas que nós dizemos determinar pela observação, a existência de *dados* seria tão não-controversa como a existência de perplexidades filosóficas. Porém, certamente, isso não é assim. A expressão *o dado*, como uma peça de discurso técnico profissional – epistemológico –, carrega um compromisso teórico substancial, e pode-se negar que existam *dados* ou qualquer coisa que seja, nesse sentido, *dado*, sem contrapor-se à razão (SELLARS, 2008, p. 23).

Segundo o diagnóstico de Sellars, mesmo considerando que alguns filósofos tentaram superar o problema da dadidade, como foi o caso de Kant e Hegel, eles continuaram por reproduzi-lo em alguma medida (SELLARS, 2008, p. 24). Apesar de Sellars iniciar sua argumentação, especificamente, contra a *Teoria dos Dados dos Sentidos*, é fundamental atentarmos para o fato desta ser apenas uma face da questão, pois o problema da dadidade se estende para além dos dados dos sentidos. Entendo que, de modo geral, o erro contido na pressuposição da dadidade, no nível epistemológico, possa ser entendido como o compromisso com uma instância não mediada de fundação do conhecimento, uma espécie de grau zero, de ponto de

⁵ Como relatada em detalhes nos estudos do professor Mario Porta (2020).

partida para a atividade epistêmica antes do qual nada pode ser concebido. Então, conforme os teóricos da dadidade, se eu percebo uma cadeira azul diante de mim, imediatamente tenho consciência de que há uma cadeira azul na minha frente que, por sua vez, tal objeto é por mim conhecido, sendo que a consciência do objeto foi causada diretamente pelo objeto. Sellars afirma: “Estes estados epistêmicos seriam chamados autoverificáveis ou auto-autenticáveis” (*apud* MONTEIRO, 2011, p. 13). Em uma frase, “Um sujeito pode estar em relação não conceitual, e ainda assim cognitiva com o mundo” (*Ibidem*, p. 13). Qualquer semelhança com princípio de Hume que impõe a correspondência entre uma ideia simples e uma impressão simples não seria mera coincidência. Rorty nos fornece um comentário sobre essa obra de Sellars que sintetiza bem este aspecto particular de tentativa de superação do problema da dadidade:

[...] o projeto que ele descreveu como uma tentativa de conduzir a filosofia analítica de seu estágio humiano para o kantiano. O pensamento fundamental que percorre esse ensaio é a afirmação de Kant de que “intuições sem conceitos são cegas”. Ter uma impressão sensorial não é, por si, um exemplo nem de conhecimento, nem de experiência consciente. Sellars, como o segundo Wittgenstein, mas ao contrário de Kant, identificou a posse de um conceito com o domínio do uso de uma palavra. Dessa forma, para ele, o domínio de uma linguagem é pré-requisito da experiência consciente (2008, p. 15).

A saída de Sellars, que pode ter seus elementos centrais localizados no mito de Jones, evita o pressuposto mentalista, ou psicologista, de que há um sujeito do conhecimento que acessa de modo direto e privilegiado algum dado fundamental e, ao mesmo tempo, diferente da solução de Gilbert Ryle que traduz tudo em termos de comportamento e disposições comportamentais, não evita falar de estados mentais em primeira pessoa. Para Sellars, os termos da linguagem compreendida funcional e intersubjetivamente, enquanto atividade pública, permitem dizer que “o significado de um estado mental depende da função que ele cumprir na vida do agente” (MAROLDI, 2014, p. 96). Sem entrar nos detalhes da proposta por Sellars, é possível afirmar, programaticamente, que sua filosofia está orientada para a solução do problema epistemológico a partir de uma noção de significado linguístico que enfrenta as dificuldades do mentalismo e assume a linguagem como uma atividade pública que, por sua vez, é condição dos estados mentais e sem a qual não é possível falar de conhecimento. Aqui fica clara a estratégia adotada por Sellars de resolver um

problema de natureza epistêmica no interior de uma reflexão sobre o caráter público da linguagem, sendo ela a instância ineliminável de mediação.

Sobre o problema do estatuto dos “dados”, no tocante à filosofia de Cassirer, ele é trabalhado em diversas passagens. Destaco a seguinte. Encontramos no volume III da *Filosofia das Formas Simbólicas*, de 1929, uma seção intitulada “O imediato da experiência interna – o objeto da psicologia”. O que se discute aqui é a possibilidade de se uma investigação em busca do imediato pode, ou não, alcançar êxito. Após o insucesso na busca pelo imediato no mundo exterior, resta saber se não seria o caso de encontrá-lo em nós mesmos. Aqui o que está também em questão é a possibilidade do acesso epistêmico e direto a uma instância que estaria por trás do “meramente simbólico e significativo” (CASSIRER, 2011, p. 45) Como é peculiar ao seu estilo, Cassirer apresenta o problema de maneira histórica e sistemática, passando por vários momentos da filosofia e apontando diferentes pensadores, bem como os seus respectivos limites teóricos. Uma conclusão parcial a que se chega é a de que:

[...] temos na sensação não apenas a expressão de um fato, mas de uma suposição teórica. Ela jamais é dada de maneira imediata, mas é postulada, na verdade postulada com base em conceitos prévios bem definidos e até mesmo construtivos. Após a psicologia moderna ter criticado largamente esses conceitos prévios, também a suposta facticidade dos elementos sensoriais, em suas mãos, foi reduzida a um prejulgamento teórico. O “imediato”, no sentido da “simples” matéria, revelou-se também imbuído de uma contradição interna: a totalidade das estruturas psíquicas não pode ser decomposta de tal maneira que ao lado da forma global e fora dela ainda possa ser demonstrado algo amorfo, o substrato dessa forma. Se fosse possível visualizar e isolar esse substrato, ele perderia a significância que somente lhe cabe como fator dentro de uma unidade de sentido articulada, e essa perda de significância iria, ao mesmo tempo, incluir a perda de sua realidade particular, de sua realidade “psíquica” (CASSIRER, 2011, p. 52).

E, para completar, Cassirer lembra que “O mais importante, segundo afirmou Goethe, é reconhecer que todo fato é em si teoria. Se isso se aplica a todo e qualquer fato, também se aplica ao fato da sensação simples” (CASSIRER, 2011, p. 50). Se olharmos o pensamento de Cassirer através de um mesmo fio condutor, mesmo em textos anteriores aos três volumes da FFS, perceberemos que sua posição contrária a uma dimensão imediata estava claramente marcada. Em *O conceito-substância e o conceito-função* (1953), de 1910, Cassirer inicia o texto com uma crítica à noção tradicional acerca da formação dos conceitos científicos, a qual remontava à lógica e à metafísica aristotélicas, colocando em seu lugar uma interpretação funcional dos

conceitos, entendendo-os em termos da aplicação de uma regra. O conceito, ao olharmos para o conhecimento científico moderno, estava cada vez mais funcional, sendo ele a instância de mediação através da qual os objetos no mundo são conhecidos objetivamente. Tais regras são produzidas pela mente e apenas por meio delas é que o mundo da ciência natural é objetivado.

Essa noção de conceito funcional, retirada por Cassirer da matemática, é a base da noção de símbolo. Esta, mais versátil e mais maleável, será utilizada para que se desenvolva a crítica da cultura e, conseqüentemente, a aplicação da compreensão funcional às ciências não naturais e às demais manifestações do espírito, tais como a arte, o mito e a linguagem. Ao que me parece, a filosofia de Cassirer, ao perguntar pelas condições de possibilidade das diferentes formas de objetivação e como elas se relacionam entre si, encaminha a discussão em torno do conhecimento em suas implicações internas (mente) e externas (mundo) para o âmbito da significação. Certamente, para Cassirer, a significação extrapola os limites da linguagem pública. Contudo, a sua inquirição acerca de como as demais formas simbólicas produzem suas respectivas significações passa, necessariamente, pela explicitação das regras internas, da lógica inerente aos modos de objetivação do real que, enquanto práticas sociais, se efetivam na história.

Considerações Finais

É importante destacar que a presente tentativa de aproximação desses dois pensadores, cujas filosofias foram tão influentes para gerações posteriores, ainda consiste em um esforço muito localizado. Há pouca literatura nesse sentido, apesar de Cassirer e Sellars desfrutarem de considerável reconhecimento filosófico. Se poderia dizer que, tomados individualmente, há muito o que se aprofundar no trabalho de recepção de suas teorias. E que, conseqüentemente, o empreendimento de articulação de seus programas está muito no início. Entretanto, espero que este texto possa contribuir, mesmo que minimamente, não só com essa aproximação teórica, mas também com a prática do diálogo entre diferentes tradições filosóficas. Nada tão dissonante das filosofias aqui destacadas do que o espírito de divisão filosófica que, artificialmente, costuma distanciar os programas de pesquisas e/ou sistemas

filosóficos. Nada tão caricato e pouco pedagógico como a desgastada divisão entre filosofia continental e filosofia analítica, por exemplo.

Se há uma lição que aprendemos com os textos de Cassirer é a de que a filosofia deve sempre ampliar o arco das suas interlocuções. Não se faz filosofia sem diálogo direto e qualificado com as ciências particulares e com as diversas correntes que compõem a própria tradição filosófica. As aproximações teórico-sistemáticas oxigenam a atividade filosófica. Com Sellars se aprende, dentre outras coisas, que a capacidade criativa e analítica de uma filosofia não rivaliza com a história da filosofia, muito pelo contrário, pois pode encontrar nela uma forte aliada.

Por fim, reafirmo a pertinência dessa aproximação programática com a convicção de que outras relações, mais verticais, podem encontrar uma profícua base textual. Meu objetivo era apenas, de modo pretensamente propedêutico, na forma de um sobrevoo, o de comparar orientações filosóficas, alinhar alguns problemas comuns, com o intuito de colaborar com uma nova agenda de pesquisa que, se estabelecida, terá grandes chances de avançar na investigação de problemas que compõem o campo da filosofia da mente, da epistemologia, da filosofia da linguagem, dentre outros.

Referências

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas volume III: Fenomenologia do conhecimento**. Trad. Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento volume I**. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1953.

CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento volume II**. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.

CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento volume III**. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1957.

CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento volume IV**. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1964.

CASSIRER, Ernst. **Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, Ernst. Philosophie der symbolischen Formen. *In: **Gesammelte Werke***. Hamburger Ausgabe. Ed. Birgit Recki, Band 11-13. Hambourg: Meiner Felix Verlag, 2009.

CASSIRER, Ernst. **Substance and function [and] Einstein's theory of relativity**. Trad. William Curtis Swabey e Marie Collins Swabey. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1953.

CASSIRER, Ernst; LANGER, Susanne K. **Language and myth**. New York: Dover Publications Inc., 1946.

ENDRES, Tobias. Ernst Cassirer's Influence on the Philosophy of Wilfrid Sellars. *In: RAO, Giulio. (Ed.). **Cassirer Studies XIII/XIV-2020/2021***. [s.l.] Bibliopolis, 2021.

GARCIA, Rafael. O conceito e a tarefa da filosofia da cultura em Ernst Cassirer. *In: URBANO SIDONCHA; OLIVIER FERON; IDALINA SIDONCHA (Orgs.). **Fenomenologia e Cultura***. Covilhã: Práxis, 2022. p. 71-92.

LANGER, Susanne K. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MAROLDI, Marcelo. Linguagem, comportamento e mente no mito de Jones de Wilfrid Sellars. **Kínesis**, v. VI, n. 12, dez./2014, p. 89-105.

MORAES MONTEIRO, Silvia Maria de. **O mito de Jones e o projeto filosófico de Wilfrid Sellars: A relação entre a rejeição da 'datidade' e a possibilidade de uma visão sinóptica de mundo**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

PORTA, Mario Arie González. **Psicologia e filosofia: estudos em torno a querela sobre o psicologismo**. São Paulo: Loyola, 2020.

RORTY, Richard. Introdução. *In: SELLARS, Wilfrid. **Empirismo e Filosofia da Mente***. Trad. Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

SELLARS, Wilfrid. **Empirismo e filosofia da mente**. Trad. Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

SELLARS, Wilfrid. Linguagem e Mito. Review of: CASSIRER, Ernst. Language and myth. Trad. Suzanne K. Langer. Nova York; Londres: Harper & Bros., 1946, **Philosophy and Phenomenological Research**, n. 9, 1948-49, p. 326-29.

SELLARS, Wilfrid. Philosophy and the Scientific Image of Man. *In: SHARP, Kevin; BRANDOM, Robert. **In the space of reasons: Selected essays of Wilfrid Sellars***. Cambridge; Massachusetts; London: Havard University Press, 2007. p. 369-408.

SICHA, Jeffrey F. **Transcendental metaphysics**: Sellars' Cassirer lectures notes and other essays. Atascadero: Ridgeview Publishing Company, 2002.

Recebido: 08/06/2024

Aprovado: 08/07/2024